

Melo, M. F. A. Q. Medeiros, L. A Psicologia Social e a luta contra a pobreza nossa de cada dia

A Psicologia Social e a luta contra a pobreza nossa de cada dia

Editorial 13(2)

Maria de Fatima Aranha de Queiroz e Melo¹

Larissa Medeiros²

¹ E-mail: fatimaqueiroz.ufsj@gmail.com

² E-mail: larissa@ufsj.edu.br

A pobreza se manifesta de diferentes maneiras em campos diversos da nossa existência, podendo ser analisada a partir de múltiplas perspectivas, a depender do nosso olhar e das carências que se tornam o foco de nosso trabalho. Desde as necessidades mais elementares como as nutricionais até a pauperização de segmentos da vida nem tão facilmente observáveis, há uma gama de carências com as quais lida o profissional de Psicologia. Pobreza remete a um conceito mais amplo que não necessariamente se vincula à falta dos recursos materiais necessários para uma sobrevivência minimamente digna. Não se trata aqui apenas de registrar o crescente empobrecimento da população brasileira decorrente da política econômica do governo desde o Golpe que impôs cortes nos gastos públicos e nas políticas sociais, gerando recessão econômica, altos índices de desemprego, precarização do trabalho, baixo nível escolar e, principalmente, a falta de perspectivas e a descrença em nossas instituições. Trata-se sim da maneira como reagimos a tudo isso. Enquanto brasileiros, somos candidatos a figurar outra vez no Mapa da Fome elaborado pela Organização das Nações Unidas, do qual havíamos saído em 2014. Mas nossa fome pode ser muito maior que aquela registrada por esse Organismo. Temos fome de valores, de justiça social, de relações de trabalho saudáveis, de habitações dignas, de uma educação laica e questionadora, de políticas de saúde mental que mitiguem o sofrimento daquele/as que buscam por ajuda, de cuidados com nossas populações vulneráveis a violências de todo tipo, das físicas às simbólicas. Nossos autores discutem fragmentos dessas realidades em seus artigos e contribuem para que possamos pensar no nosso papel como profissionais e como cidadãos nas estratégias de

identificar e combater a pobreza em suas inúmeras versões. Falta de dignidade, humilhação, vergonha e assistencialismo são ideias centrais nos três primeiros artigos deste número.

Em *Judicialização de vidas indignas: o caso da unidade experimental de saúde em São Paulo*, Cássia Rosato, do Tribunal de Justiça de São Paulo, e Pedro de Oliveira Filho, da Universidade Federal de Campina Grande, problematizam a criação e a manutenção da Unidade Experimental de Saúde (UES) de São Paulo, instituição para a “internação de jovens autores de atos infracionais diagnosticados com transtornos de personalidade e/ou periculosidade”. Os autores examinam documentos sobre a instituição a partir do conceito de “homo sacer”, desenvolvido por Agamben, e de conceitos encontrados em Foucault, tal como a discussão sobre governo dos corpos, apontando questões importantes sobre esse processo de institucionalização.

No texto *Apoio social: modo de enfrentamento às vivências de humilhação e de vergonha em contextos de pobreza*, as autoras, Maria Aparecida Estanislau, Maria Zelfa de Souza Feitosa, Verônica Moraes Ximenes, Alexsandra Maria Sousa Silva, Márcia Skibick de Araújo e Zulmira Áurea Cruz Bomfim, da Universidade Federal do Ceará, apresentam resultados de pesquisa em uma comunidade urbana e uma comunidade rural em busca das relações entre a vergonha e a humilhação decorrentes da situação de pobreza e o papel do apoio social nesse contexto. Discutem sobre a naturalização da vergonha e da humilhação e sobre a importância de superação destas.

Marisa Barletto, da Universidade Federal de Viçosa, no artigo *Representação Social de beneficiários*

Melo, M. F. A. Q. Medeiros, L. A Psicologia Social e a luta contra a pobreza nossa de cada dia

sobre o trabalho técnico social do Programa "Minha Casa Minha Vida" buscou problematizar os processos de representação e ressignificação do público do Programa e de como este se relaciona com o trabalho social e o espaço habitado. A pesquisa foi realizada utilizando-se de entrevistas semiestruturadas, grupos focais e dinâmicas de grupo. Por meio da Análise de Conteúdo das narrativas geradas, a autora identificou que as representações sociais dos envolvidos, em diversos sentidos, tiveram um forte viés assistencialista, tanto na valorização como na desvalorização do Trabalho Técnico Social.

Os atendimentos em saúde tomam o foco dos quatro artigos seguintes, seja no campo da saúde da mulher, entre as famílias dos usuários de serviços em um Centro de atenção psicossocial, nas estratégias de enfrentamento de pacientes com transtornos mentais e nas dinâmicas organizacionais de um Caps.

O artigo "*Comunicação e(m) saúde: relato de experiência com trabalhadores da saúde*", de Janine Kieling Monteiro, Franciele Santiago Dalenogare, Grace Oliveira dos Santos, Mariana Luísa Albrecht Rodrigues, Maríndia Oliveira de Quadros, Pâmela Soares Bratkowski e Pedro Gallas Flach, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, é um relato de experiência de oficinas realizadas com profissionais da saúde. O trabalho discute a relação entre a experiência e a teoria e foi realizado em uma Unidade Básica de Saúde com profissionais que atuam no campo da Saúde da Mulher, abordando questões como comunicação entre os profissionais e os usuários do serviço, além de temas como humanização, crenças e valores.

A pesquisa *Concepções de familiares sobre um Centro de Atenção Psicossocial*, de Salizza Duarte Mota da

PUC Goiás e Renata Fabiana da Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, é um relato de pesquisa realizado com a participação de 15 familiares de usuários de um Caps II. O objetivo foi "identificar as concepções de familiares de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial sobre o atendimento prestado" e para tanto foram realizadas entrevistas semiestruturadas sobre o serviço, as atividades realizadas, além de sugestões para o aprimoramento do serviço.

Ainda sobre o tratamento de pacientes com transtornos mentais, Mayna Ferreira Lima do Creas de Santa Helena de Goiás e Cintia Bragheto, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, no artigo *Estratégias de enfrentamento de pacientes com transtornos mentais*, apresentam, por meio de entrevistas semiestruturadas, pesquisa com cinco usuários de um Caps que teve como objetivo "identificar e descrever as estratégias de enfrentamento utilizadas por pessoas com transtornos mentais". O trabalho se destaca por apresentar a perspectiva dos usuários do serviço e o amplo leque de estratégias por eles utilizadas para lidar com as dificuldades que encontram no seu tratamento.

Em *Dinâmica organizacional e o modelo psicossocial de três centros de atenção psicossocial álcool e drogas*, as autoras da Universidade de Brasília, Maria de Nazareth Rodrigues Malcher de Oliveira Silva, Gardênia da Silva Abbad, Lana Montezano, apresentam resultados de estudo descritivo-exploratório que traz análises de normas, diretrizes governamentais e dados arquivísticos relativos a dois Caps AD do Distrito Federal e um de São Paulo. Os problemas encontrados comprometem o atendimento das demandas, a adesão dos usuários ao tratamento e o desempenho dos

Melo, M. F. A. Q. Medeiros, L. A Psicologia Social e a luta contra a pobreza nossa de cada dia

profissionais, indicando frágil alinhamento do cuidado às diretrizes governamentais.

Os dois artigos a seguir se dedicam à saúde do idoso nas suas interações com outras faixas etárias e com exercícios físicos, demonstrando a necessidade de que este estágio da vida seja assistido por profissionais em trabalhos interdisciplinares que contribuem para deixá-lo menos empobrecido de experiências.

No artigo *Grupo terapêutico intergeracional com idosos demenciados: percepções de crianças e cuidadores*, Maíra de Oliveira Valadares, Jussara da Silva Ribeiro, Heula Áurea Alves Amorim Miranda, Carmen Jansen de Cárdenas, Lucy Gomes Vianna, autoras filiadas à Universidade Católica de Brasília, tiveram como objetivo investigar as percepções que tinham crianças e cuidadores participantes de grupo terapêutico intergeracional sobre os idosos demenciados. A pesquisa foi qualitativa, exploratória e descritiva, utilizando-se de questionários distintos para as crianças e cuidadores que evidenciaram atitudes positivas nesta convivência, seja no grupo ou na família.

Influências de exercícios físicos no cotidiano dos idosos e sua percepção quanto ao seu bem-estar pessoal resultou de pesquisa multidisciplinar que envolveu profissionais da saúde no campo da Psicologia e da Educação Física. Na parte que coube à Psicologia, as autoras, Priscila Dias da Silva, Jacqueline Pereira, Maria Lecir Lopes, Tatyane Lott Magalhães Coelho, Larissa Medeiros Marinho dos Santos, da Universidade Federal de São João del Rei, a partir de uma perspectiva sistêmica de desenvolvimento humano, tiveram como objetivo identificar, por meio do acompanhamento de grupos de

idosos submetidos à prática de exercício físico durante um ano e meio, o impacto de um programa de promoção da saúde física e psicológica na autonomia e bem-estar dos participantes.

Os dois próximos artigos trazem a mulher ao centro das discussões, seja como protagonista de uma atividade de trabalho complexa que lhe é atribuída com exclusividade, seja como usuária de serviços especializados aos quais recorrem aquelas que sofreram violência conjugal, dado que atesta a extrema pobreza das relações de submissão com viés autoritário impostas sobre corpos e mentes, num país que é o quinto no mundo na quantidade de feminicídios.

Lívia Borges Hoffmann Dorna e Hélder Pordeus Muniz, da Universidade Federal Fluminense, à luz da perspectiva da Ergologia e da abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, se propõem a pensar sobre a experiência do maternar como um trabalho. Escapando a qualquer tentativa de simplificação e sem perder de vista a perspectiva das relações de gênero, o artigo *O maternar como atividade de trabalho* traz a defesa dessa atividade como um trabalho de *care* que exige competências específicas, uma vez que envolve gestão e a mobilização de uma inteligência inventiva.

Acolhimento psicológico para mulheres vítimas de violência conjugal resultou de pesquisa que buscou identificar a relevância do acolhimento psicológico bem como analisar as características das mulheres acolhidas em Serviços Especializados às Mulheres que sofreram algum tipo de abuso (físico e/ou psicológico). Nesse estudo, as autoras Bruna Adames, Simoni Urnau Bonfíglio, Ana Paula Sesti Becker, do Centro Universitário de Brusque,

Melo, M. F. A. Q. Medeiros, L. A Psicologia Social e a luta contra a pobreza nossa de cada dia

entrevistaram 14 mulheres que mencionaram maior alívio, suporte emocional e reflexões positivas acerca de sua autoimagem a partir desse acolhimento.

Os três últimos artigos deste número abordam adolescentes em ambiente escolar, estereótipos no trabalho de psicólogos orientais e, fechando esta edição, uma discussão teórica da relação entre o conceito de experiência e atividade no trabalho.

Com filiação à Universidade Federal de Alagoas, Paula Orchiucci Miura, Adélia Souto Oliveira, Ellen Tenorio Galdino, Kedma Augusto Martiniano Santos, Marianne Lemos Costa, Gline Cavalcante Costa relatam as experiências na condução de oficinas realizadas com adolescentes em escola de uma comunidade litorânea de Maceió, Alagoas. *O ambiente escolar como espaço potencial para adolescente: relato de experiência* foi resultado do Projeto de Extensão “Espaços Potenciais”, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, do qual participaram alunos matriculados no 5o ano do ensino fundamental, com média de 11 anos de idade, tendo sido utilizados instrumentos lúdicos para trabalhar com temas tais como adolescência, gravidez na adolescência, abuso sexual e bullying.

Em *Psicólogos orientais, estereótipos e relações étnico-raciais no Brasil*, os autores Thaís Yurie Ishikawa, Alessandro de Oliveira dos Santos, da Universidade de São Paulo, lançam foco sobre as relações étnico-raciais segundo a concepção de um segmento de psicólogos orientais da cidade de São Paulo. Através da análise de entrevistas realizadas com 8 participantes, descrevem os estereótipos associados a esse pertencimento étnico-racial e cultural e a influência destes sobre a

identidade pessoal e a atuação profissional desses psicólogos.

O trabalho *A respeito do conceito de experiência na Clínica da Atividade* foi escrito por Charis Telles Martins da Rocha e Fernanda Spanier Amador, vinculadas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As autoras trazem uma discussão teórica sobre a Clínica da Atividade de Yves Clot, particularmente em relação ao conceito de experiência e da relação entre a abordagem da Clínica da Atividade e as concepções de Lev Vigotski no que se refere à relação entre experiência e atividade.

Em seu segundo número, neste ano de 2018, a Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais mantém a sua adesão à periodicidade trimestral, já iniciada no ano de 2017. Outras mudanças também foram sentidas no nosso trabalho. Utilizando a imagem de uma estação de trem que nos é muito cara em Minas Gerais, registramos chegadas e partidas entre aqueles que viajam conosco. Dentre os que chegaram para agregar esforços para qualificar cada vez mais a nossa revista, estão os novos editores associados: os professor/as Isabela Saraiva de Queiroz, José Rodrigues, Matilde Agero e Andrea Carmem Guimarães. A partida se deve à decisão da nossa sempre editora Marília Mata Machado de se dedicar em tempo maior à sua condição de avó, entre outras atividades que lhe dão gosto, como lhe é merecido após toda sua expressiva trajetória acadêmica-editorial. Somos e seremos eternamente gratas à Marília que, ao longo destes últimos quase dez anos, nos inspirou e nos orientou no trabalho como editoras. De alguma forma, podemos nos declarar *aprendizes de Marília* desde a sua chegada à UFSJ, na condição de pesquisadora visitante do Laboratório de Pesquisas e Práticas Psicossociais. Mesmo não estando mais como editora, permanecerá no Conselho

Melo, M. F. A. Q. Medeiros, L. A Psicologia Social e a luta contra a pobreza nossa de cada dia

Editorial da Revista, assim como continuará sendo nossa consultora privilegiada e referência para nossas práticas.

Para este número, assim como para os três anteriores, destacamos e agradecemos o apoio da ANPEPP que, mediante Edital de apoio a periódicos, nos concedeu recursos para financiar a edição de quatro números. Para além dos recursos financeiros sem os quais não seria possível manter o processo de qualificação da revista, os recursos humanos são a sustentação do nosso periódico. Agradecimentos pela partilha no trabalho de edição vão para várias pessoas que têm participado desta empreitada: 1. para a Equipe do Setor de Editoração da UFSJ cuja parceria se concretiza com o competente trabalho de Michel Montandon e Adalberto Nunes Pereira Filho sob a Coordenação de Rogério Lucas de Carvalho. 2. À Elisângela Nazaré Ferreira, nossa sempre imprescindível secretária, e à Caboverde Design nas pessoas de Marina e Maitê.